

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E LEITURA

CARLOS ANTONIO CARLOS DA SILVA*

RESUMO

Sabe-se que uma grande dificuldade na educação é ajudar os alunos a criarem o hábito de ler. Muitos preferem assistir à televisão (geralmente novelas, filmes ou desenhos), brincar na rua com os colegas ou passear ao invés de ler. Infelizmente, os professores não contam muito com o apoio de alguns pais para ajudar seus filhos a criarem esse hábito de leitura, pois estão tão ocupados com as situações do dia a dia e não participam ativamente da vida dos filhos. Este trabalho consiste em investigar o uso das histórias em quadrinhos como elemento motivador para o incentivo à leitura. Para isso verificou-se compreender a estrutura das HQs, como podem auxiliar o professor em sala de aula e se podem ser usadas no desenvolvimento do hábito de leitura. Verificou-se que as HQs são ótimos recursos para o incentivo à leitura, pois os recursos apresentados por elas auxiliam nessa aprendizagem, dando a sensação de “ouvir a história”. O gênero histórias em quadrinhos, que os PCN orientam para o uso, é um apoio para se discutir oralidade na sala de aula, tendo um claro interesse no estudo da língua oral, sendo uma de suas características representar elementos de oralidade. Por meio desses recursos, o aluno se vê “parte da história”, pois sente que está presenciando o seu acontecimento, enquanto sua imaginação flui livremente.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; oralidade; leitura.

* Artigo referente à Dissertação de Mestrado com o título *Uso de histórias em quadrinhos em sala de aula: Incentivo à leitura*, sob orientação da professora doutora Zeila de Brito Fabri Demartini, defendida em 2014.

ABSTRACT

It is known that a great difficulty in education is to help students create a reading habit. Many of them prefer watching television (usually soap operas, cartoons or movies), playing outside with friends, or going out instead of reading. Unfortunately, teachers do not rely on the support of some parents to help their children establish the habit of reading as they are so busy with day to day activities and do not actively participate in their children's lives. This work consists in investigating the use of comics as a motivator to encourage reading. For this, it was aimed to understand the structure of comics, how they can assist the teacher in the classroom, and how they be used in developing the habit of reading. It was found that the comics are great resources to encourage reading because the resources presented help in the learning process, giving the sensation of "hearing the story". The genre comics, that the PCN instructs for the use in portuguese language classes, is an aide for discussing orality in the classroom, with a clear interest in the study of oral language, being one of its features the representation of orality elements. From these resources, the students see themselves as "part of the history" because they feel they're witnessing the event while their imagination flows freely.

Keywords: Comics; orality; reading.

1 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A imagem tem sido um forte elemento de comunicação na história da humanidade, acompanhando o homem em todas as suas necessidades, seja para ensinar, criticar, para se comunicar ou até mesmo destruir. A linguagem não verbal (desenho) foi uma das primeiras formas de comunicação conhecida pelo homem, mesmo antes da escrita que conhecemos hoje. Ele se comunicava por meio de desenhos, com os quais representava aquilo que queria dizer. Ele gravava em pedras imagens que registravam elementos de comunicação.

Assim, quando o homem das cavernas gravava duas imagens, uma dele mesmo, sozinho, e outra incluindo um ani-

mal abatido, poderia estar, na realidade, vangloriando-se por uma caçada vitoriosa, mas também registrando a primeira história contada por sucessão de imagens. Bastaria, então, enquadrá-las para se obter algo muito semelhante ao que modernamente se conhece como histórias em quadrinhos. (VERGUEIRO; RAMA, 2006, p. 8-9).

Por isso, acredita-se que as histórias em quadrinhos surgiram muito antes da escrita, mais especificamente no tempo do homem das cavernas, evoluindo até o que nós conhecemos hoje como *histórias em quadrinhos*¹.

As histórias em quadrinhos são narrativas, como o próprio nome já diz, com uma sequência de quadros contendo desenhos e textos juntos (ou só desenhos). “Em outras palavras, é um sistema narrativo composto de dois meios de expressão distintos, o desenho e o texto” (IANNONE; IANNONE, 2004, p. 21). Apesar de serem distintos, juntos são eficientes para a transmissão da mensagem, podendo também haver a comunicação quando há somente o desenho.

O elemento principal das HQs é o desenho dentro do requadro (ou quadro). Este elemento é tão significativo, ou até mesmo mais importante que o próprio texto verbal expresso nelas. É possível ter uma história em quadrinhos sem texto escrito, mas é impossível uma história em quadrinhos sem desenho.

As HQs tornaram-se importantes meios de comunicação, influenciaram a vida das pessoas, bem como o cinema e a música. No Brasil, durante a ditadura militar, surgiram personagens como os Fradinhos, de Henfil², visando denunciar a fome. Durante a Segunda Guerra Mundial, para difundir o nacionalismo norte-americano, encontravam-se super-heróis lutando contra os nazistas e os japoneses. O Super-homem foi até acusado, em 1940, pelo jornal *Das Schwarze Korps*³ de “judeu sujo”, por ter, em uma história, auxiliado a destruir os alemães.

¹ Usa-se a sigla *HQ* para se referir às histórias em quadrinhos.

² Quadrinista brasileiro que teve seu trabalho conhecido no jornal *O Pasquim*.

³ Disponível em: <<http://www.avesso.net/cronica8.htm>>. Acesso em: 8 fev. 2014.

2 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A EDUCAÇÃO

Percebe-se que uma grande dificuldade na educação é ajudar os alunos a criarem o hábito de ler. Em conversas com alunos, eles afirmam que preferem assistir à televisão (geralmente novelas, filmes ou desenhos), brincar na rua com os colegas ou passear ao invés de ler. Dizem que não gostam de ler, não têm tempo, ou, simplesmente, não entendem o que foi lido. Infelizmente, os professores não contam muito com o apoio de alguns pais para que seus filhos criem esse hábito de leitura, pois estão tão ocupados com as situações do dia a dia e não participam ativamente da vida dos filhos.

2.1 Conceituando leitura

O que é leitura? Como responder uma pergunta tão complexa e, ao mesmo tempo, tão simples como essa? Se conceituar a leitura de acordo com o dicionário Aurélio, encontramos a seguinte definição: leitura – do latim medieval *lactura*, arte ou efeito de ler, aquilo que se lê. Não basta apenas procurar no dicionário o significado da palavra, pois ler envolve uma série de práticas e experiências; portanto, faz-se necessário considerar diversos aspectos, tais como: a idade do leitor, seu grau intelectual, seus gostos, sua cultura, suas necessidades de leitura, sua habilidade e maneira de ler.

A leitura é um meio privilegiado não só de se obter vários conhecimentos e informações, mas também uma forma especial de entretenimento. Além disso, pode dar a oportunidade de se refletir sobre aquilo que mais interessa, bastando apenas que saiba acompanhar a lógica das ideias presentes nos textos e que tenha a capacidade de interpretar as intenções, por vezes escondidas, de um determinado autor. Passemos a considerar agora diversos outros conceitos de leitura e constataremos que em cada um deles fica evidente a interação que deve existir entre quem escreve e quem lê. Todas as abordagens do assunto trazem esta marca dominante sendo tal característica verificável a qualquer momento durante a leitura. Um exemplo disso é o que diz a pesquisadora Solé (1998, p. 90), para quem “ler não é só possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas para com-

preender um texto, mas é também uma atividade voluntária e prazerosa”. Aqui ela está sugerindo que a leitura só é prazerosa se houver interação entre o leitor e o escritor.

De acordo ainda com esta perspectiva, Vargas (1993, p. 7) afirma que “ler é fruir o texto descobrindo nele a vida enredada em suas malhas”. Assim, se queremos saber mais sobre essa “vida enredada em suas malhas”, devemos ler com atenção e interagir com as ideias do texto. Indo mais além nessa temática, examinamos o que consta em Brasil (1997, p. 53) onde se afirma que leitura “É um processo no qual o leitor constrói o significado do texto partindo dos seus conhecimentos prévios sobre o assunto, sobre o autor, e sobre tudo o que sabe da língua”. Nota-se aqui também uma abordagem conceitual em que prevalece a ideia da leitura como processo em que o leitor se envolve com as opiniões contidas ao longo do texto e fora dele procurando atingir o máximo de compreensão a respeito daquilo que era a intenção do autor. Na sequência, analisamos o que nos diz Cabral (1986, p. 12), para quem a leitura é “um ato criativo” que exige do leitor uma posição ativa face àquilo que está lendo, o que significa dizer que, durante a leitura, conhecimentos anteriores são acionados para que novos conhecimentos sejam adquiridos e julgados criticamente, num movimento conhecido em linguística pelo nome de *tema* e *rema*. Estes dois últimos conceitos já nos remetem a uma outra característica da leitura apontada por Kleiman (1993), segundo a qual a questão do conhecimento anterior, acionado pelo leitor, é fundamental para o processo da leitura, sendo ele constituído pelos conhecimentos linguístico, textual e de mundo. Diz ela que:

Quanto ao conhecimento linguístico, ele está implícito no leitor, não sendo, pois, verbalizado; tal conhecimento abrange, também, a pronúncia das palavras, passando pelo vocabulário e pelas regras da língua. O textual, diz respeito ao conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discurso que determinam as expectativas do leitor em relação aos textos. Já o conhecimento de mundo é mais abrangente, sendo fundamental para que a compreensão seja alcançada. (KLEIMAN, 1993, p. 15).

Este conhecimento é adquirido pelas experiências que o leitor já possui a partir do seu convívio com a sociedade e fica estruturado na memória do leitor em forma de esquemas que, segundo a pesquisadora, devem ser “motivados ou acionados durante a leitura” (KLEIMAN, 1993, p. 15), para que o leitor possa chegar ao nível da compreensão. Ainda conforme esta autora, a leitura é vista como sendo “uma atividade individual até na maneira de ser, pois o que queremos de uma leitura é que determina a maneira como a faremos” (KLEIMAN, 1993, p. 15). Nesse conceito, a leitura está sendo entendida como um ato individual, no sentido de que um texto pode ter tantas interpretações quantos leitores houver, pois se o ato de ler depende dos conhecimentos prévios do leitor, e estes lhes são individuais, consequentemente a sua leitura também será individual. Depois, vimos outra concepção de leitura cuja ideia é realçar os aspectos de uma postura reflexiva por parte do leitor.

A verdadeira leitura é aquela na qual o leitor é o sujeito ativo; é ele quem manda, por isso tem a liberdade de reler, de parar, de pular parágrafos, de saborear e refletir sobre ela, é uma leitura íntima, portanto, individual. (SOLÉ, 1998, p. 27).

Buscando mais conceitos, nos deparamos ainda com o pensamento de Smolka (1989) que, por sua vez, define leitura como “uma atividade social cuja funcionalidade se evidencia e se propaga cada vez mais”. Neste conceito fica destacada a eficácia da prática leitora em se propagar na sociedade como um valor positivo para as pessoas. Compartilhando também dessa opinião, encontramos Silva (1983, p. 37), para quem a leitura deve

[...] ser uma prática fundamentalmente social e que, por isso, não pode prescindir de situações vividas socialmente, isto é, no contexto da família, da escola, do trabalho. [...] a leitura é considerada um processo de criação, de descoberta, dirigido ou guiado pelos olhos perspicazes do escritor.

Nesse sentido, o escritor ao trabalhar duplamente a linguagem e os aspectos da vida social, conduz o leitor a esferas mais amplas e profundas da percepção. “A boa leitura” – segundo esse parecer – “é aquela que gera conhecimentos, que molda atitudes e incute valores, aguçando os modos de perceber e sentir a vida”. Assim, esta opinião evidencia quão relevante deve ser para a sociedade formar leitores capazes de entender a vida a partir daquilo que leem ou – pelo contrário – entender a leitura a partir daquilo que vivem. A pesquisadora Martins (1985, p. 7) pergunta:

[...] bastará, porém, decifrar palavras para acontecer a leitura? Como explicaríamos as expressões de uso corrente “fazer a leitura” de um gesto, de uma situação; “ler o olhar de alguém”, “ler o tempo”, “ler o espaço” indicando que o ato de ler vai além da escrita?

Vemos aqui qual poderá ser o verdadeiro alcance de uma leitura a partir da compreensão de que não se trata de algo apenas mecânico e sim de um ato profundamente capaz até de modificar uma vida. Enfim, a leitura não é, portanto, um processo passivo, já que exige do leitor esta constante capacidade de interpretação e participação capazes de modificá-lo em seu sentir e em seu agir. Então, o significado de um texto vai depender sempre de um leitor que, acionando conhecimentos prévios e experiências, propõe algum sentido para o que lê. Com isso podemos afirmar que o significado de um texto não está pronto e concluído já que ele depende sempre do leitor para lhe conferir um significado.

2.2 Leitura com auxílio das HQs

As histórias em quadrinhos são possibilidades que pais e professores têm à mão para ajudar nesse processo, visto que auxiliam as crianças, na aprendizagem, a ler e a progredir na leitura, pois integram desenhos e textos. É um meio de comunicação de massa com um consumo popular muito vasto.

Hoje em dia sabe-se que, em geral, os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, de jornais e de livros. Assim, a ampliação da familiaridade com a leitura de histórias em quadrinhos, propiciada por sua aplicação em sala de aula, possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade para concentrar-se nas leituras com finalidade de estudo. (VERGUEIRO; RAMA, 2006, p. 23).

As histórias em quadrinhos são uma oportunidade de fazer com que os alunos adquiriram o hábito da leitura. Irão adquirir o hábito de ler, não somente as palavras, mas também os desenhos, que fazem parte de um diálogo; com muitas chances de se interessarem, no futuro, por outras leituras, porque percebem que a leitura pode trazer a eles um novo universo, do imaginário e da aquisição do conhecimento.

Os quadrinhos, no Brasil, foram, por diversas vezes, mal vistos por professores e educadores. Segundo Vergueiro e Rama (2006, p. 8), na década de 1960, muitos educadores alegaram que este tipo de leitura dificultava a formação de um leitor, diziam que tudo era especificado pela imagem, prejudicava o indivíduo no seu esforço de ler, pensar e julgar; tornava o ato de ler extremamente visual e prejudicava seu desenvolvimento na leitura e estudo.

Pais e mestres desconfiavam das aventuras fantasiosas das páginas multicoloridas das *HQs*, supondo que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável”. Daí, a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidos, muitas vezes de forma até violenta, do ambiente escolar. (VERGUEIRO; RAMA, 2006, p. 8).

Ao contrário do que muitos pensavam, as histórias em quadrinhos podem colaborar com o crescimento cultural e moral

do leitor em desenvolvimento. “Os quadrinhos, como o cinema e a televisão, a música e o poema, são fundamentais, ideologicamente falando, para a formação de uma cultura brasileira.” (CIRNE, 1971, p. 65).

Serão as histórias em quadrinhos um bom recurso, uma forma de linguagem, para a educação, ou atrapalha o desenvolvimento intelectual dos alunos?

Ao contrário do que muitos pedagogos apregoam, os quadrinhos exercitam a criatividade e a imaginação da criança, quando bem utilizados. Auxilia no reforço à leitura e constitui uma linguagem altamente dinâmica. (LUYTEN, 1984, p. 8).

Sendo bem escolhida pelos educadores, as HQs têm grande eficácia nos trabalhos escolares. Nossas crianças aprendem a gostar de ler se divertindo. Podem diferenciar os verbos, substantivos, adjetivos, pronomes e outras classes de palavras, podem conhecer as diferenças regionais, sociais, políticas e culturais, além de todo esse conhecimento vir por meio de diversão.

As revistas de histórias em quadrinhos versam sobre os mais diferentes temas, sendo facilmente aplicáveis em qualquer área. Cada gênero, mesmo o mais comum (como o de super-heróis, por exemplo) ou cada história em quadrinhos oferece um variado leque de informações passíveis de serem discutidas em sala de aula, dependendo apenas do interesse do professor e dos alunos. (VERGUEIRO; RAMA, 2006, p. 22).

É muito comum ver histórias em quadrinhos, em livros didáticos, para transmissão do conteúdo. Elas despertam o interesse do aluno em examinar o livro e aprender de maneira mais descontraída e eficaz. Também é possível encontrar em provas de vestibular, concurso público, etc. Isso reforça o quanto elas chamam a atenção dos leitores, pois quando se vê uma tira de quadrinhos numa prova, por exemplo, muitas vezes os alunos “já

dão uma relaxada”, ficando menos tensos. Numa oportunidade, em minha prática pedagógica, apliquei uma avaliação de Língua Portuguesa na qual não usei nenhuma tira de quadrinhos; ao perceber isso, um aluno questionou: “professor, por que o senhor não usou nenhuma tira?”. Nisso, outros alunos comentaram que com a tira a “prova era menos chata”.

No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções. (VERGUEIRO; RAMA, 2006, p. 8-9).

As histórias em quadrinhos podem ser usadas em projetos pedagógicos, ampliando a prática social do aluno e seu interesse pelos estudos, despertando o seu desejo de participar e, como consequência, enriquecer o intelecto. Elas podem ser usadas para discutir diversos temas auxiliando o educando na aquisição de conhecimento, pois por ser um recurso que une texto e imagem, acabam chamando a atenção daqueles que não gostam de ler narrativas ou textos mais longos.

Um projeto pedagógico que visasse conscientizar a criança sobre sua responsabilidade ao meio-ambiente poderia apropriar-se das histórias em quadrinhos (como as do personagem Chico Bento, de Maurício de Sousa) que discutem a relação homem/meio, para motivar a reflexão e o desenvolvimento da consciência ambiental. (CARVALHO; OLIVEIRA, 2007, p. 27).

Os quadrinhos podem enriquecer o vocabulário dos estudantes. Os alunos têm contato com a leitura e uma diversidade de palavras, auxiliando no crescimento do seu conhecimento pessoal sobre a língua. Os estudantes verão termos que fazem

⁴ Relato de experiência pessoal.

parte do seu cotidiano e novos termos que acrescentarão ao longo do tempo e os ajudarão a pensar e imaginar, a interpretar e compreender o texto e a raciocinar logicamente.

Na medida em que tratam de assuntos variados, introduzem sempre palavras novas aos estudantes, cujo vocabulário vai se ampliando quase que de forma despercebida para eles. [...] Os estudantes, pela leitura de quadrinhos, são constantemente instados a exercitar o seu pensamento, completando em sua mente os momentos que não foram expressos graficamente, dessa forma desenvolvendo o pensamento lógico. (VERGUEIRO; RAMA, 2006, p. 23-24).

As histórias em quadrinhos podem ser utilizadas em qualquer nível escolar e sobre qualquer tema, não tendo obstáculos para o seu aproveitamento, tanto nas séries iniciais quanto em nível universitário; seu uso depende apenas das expectativas dos docentes. O que pode ser diversificado é o tipo de HQ para uma determinada faixa etária, porém as HQs têm uma vasta variedade, dando ao professor a facilidade para escolher o que melhor se adequar para seus alunos. Existem HQs de terror, aventura, romance, literatura, etc., para várias faixas etárias diferentes. No caso dos gibis, o acesso é facilitado, pois podem ser encontrados em supermercados, livrarias, bancas de jornais, sebos, etc., e a um custo muito baixo.

Assim, com relativa facilidade, podem os próprios estudantes se encarregar de obter as revistas junto a amigos ou familiares, auxiliando os professores na manutenção de um acervo útil para suas atividades de ensino. [...] Com os quadrinhos, tanto o professor quanto a instituição escolar estão, em princípio, isentos da necessidade de dispor de caros aparatos eletrônicos para uso em sala de aula. (VERGUEIRO; RAMA, 2006, p. 25-26).

As histórias em quadrinhos podem ser usadas para trabalhar vários temas, introduzir um assunto que será trabalhado pos-

teriormente de outra forma, gerar alguma discussão, trabalhar gramática, temas transversais; enfim, uma dimensão de atividades possíveis, tanto na sala de aula quanto extraclasse, tudo depende da criatividade do professor.

Um professor animado, dinâmico e criativo é essencial para a boa aplicação das histórias em quadrinhos, em sala de aula, e pode auxiliar para uma aula mais animada e interessante para os alunos. O professor é a ferramenta essencial para a boa aula. Se ele estiver desanimado ou sem vontade de ensinar, a aula não terá um bom resultado.

No caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. (VERGUEIRO; RAMA, 2006, p. 26).

É imprescindível ao professor, para se usar as histórias em quadrinhos, em sala de aula, conhecer sua estrutura, conteúdo, recursos e características. Claro que, mesmo sem dominar suas características, podem ainda ser utilizadas em sala de aula, mas um professor bem preparado poderá ter um aproveitamento muito melhor deste recurso. “É muito importante que o professor tenha suficiente familiaridade com o meio, conhecendo os principais elementos da sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário.” (VERGUEIRO; RAMA, 2006, p. 29).

O processo de aprendizagem é motivado pela necessidade e pelo prazer e, para muitos, quanto mais agradável mais fácil será esse processo. As histórias em quadrinhos são um meio para tornar esse processo mais agradável para o aluno, motivando-o a ir além das expectativas.

A história em quadrinhos, por sua vez, configura-se por muitos aspectos lúdicos, como as cores, os desenhos, as histórias engraçadas, etc., que prendem a atenção da criança e fazem-na sonhar, ajudando-a a construir um mundo de fantasia e diversão. (CARVALHO; OLIVEIRA, 2007, p. 29).

O uso das histórias em quadrinhos, no processo de aprendizagem, pode auxiliar o professor em seu trabalho para que seus alunos se tornem pensantes e críticos. Assim, quando ambos se tornam parceiros no processo de aprendizagem, eles constroem significados e sentidos, dando a oportunidade para a criação de indivíduos que transformarão a realidade vivida por eles.

O gênero histórias em quadrinhos, que os PCN⁵ orientam para o uso, é um apoio para se discutir oralidade na sala de aula, tendo um claro interesse no estudo da língua oral, sendo uma das características representar elementos de oralidade.

Os recursos que as HQs apresentam auxiliam nessa aprendizagem, dando essa sensação de oralidade. Por meio dos balões, das onomatopeias e de todos os outros recursos, o aluno se vê “parte da história”, pois sente que está presenciando o seu acontecido, enquanto sua imaginação pode fluir livremente.

Os PCN recomendam usar as histórias em quadrinhos na aula de Língua Portuguesa, por terem um grande potencial pedagógico e dar suporte a um jeito novo de ensinar, com várias modalidades educativas, podem ser usadas também nas aulas de História, Geografia, Artes, Ciências, Matemática, de maneira interdisciplinar, tornando o aprendizado reflexivo e prazeroso na sala de aula. É um meio de comunicação que tem atraído muitos leitores, tanto que, descobrindo aí um mercado promissor, muitos clássicos da literatura ganham versões em HQ, como *O alienista*, *Memórias de um sargento de milícias*, *O cortiço*, entre outros, visando a um interesse capitalista.

2.3 A oralidade nas histórias em quadrinhos

Segundo Marcuschi (1991, p. 17), “Toda conversação é sempre situada em alguma circunstância ou contexto em que os participantes estão engajados”. O diálogo (ou trílogos, quando há três falantes, ou polílogos, quatro falantes ou mais) está relacionado com o contexto em que os participantes estão, seja físico ou situacional.

As histórias em quadrinhos são, em muitos casos, o primeiro texto com o qual as crianças têm contato. Elas são textos

⁵ Sigla de Parâmetros Curriculares Nacionais.

narrados quadro a quadro por meio de desenhos e textos que utilizam discursos diretos, com características de textos falados, com a intenção de representar uma conversação.

Acreditamos que o gênero (outro assunto incluído nos PCN) histórias em quadrinhos seja um bom suporte para discutir em sala de aula elementos da oralidade. Basta reeducar o olhar. (RAMOS, 2006b, p. 1).

Se os quadrinhos procuram representar uma conversação natural através da palavra escrita, torna-se necessário o estudo dessa modalidade oral. Segundo Fávero (2009, p. 9), “a escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto”. Na língua escrita há mais exigências em relação às regras da gramática normativa; a interação é mais complexa, o que torna necessário assegurar que o texto todo dê conta da comunicação. Já na língua oral, ao falar, as pessoas podem ainda recorrer a outros recursos para que a comunicação ocorra, como os gestos, por exemplo.

A fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia a dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares dão à fala atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita. Crucial neste caso é que não se trata de uma contradição, mas de uma postura. (MARCUSCHI, 1991, p. 23).

A língua falada, muitas vezes sufocada pela gramática normativa, precisa ser estudada em sala de aula, pois é a linguagem da qual os alunos se apropriam, o que torna as HQs tão próximas de sua linguagem. As histórias em quadrinhos, apesar de utilizarem-se de textos escritos (o leitor lê o texto), têm características de texto falado.

Considerando as histórias em quadrinhos, Eguti (2001) afirma que o texto não é espontâneo nem natural, pois se trata de uma obra em que o autor cria os diálogos e as situações que

envolvem os falantes. Além disso, o espaço e tempo em que ocorrem os fatos são produtos de um planejamento prévio, tanto do tema quanto do aspecto linguístico-discursivo, sujeito a correção; porém, as histórias em quadrinhos mostram situações do cotidiano, nas quais utilizamos linguagem informal, aproximando o leitor do linguajar do dia a dia. Assim como os quadrinhos, muitos textos escritos têm as características do texto falado, o que faz com que essas duas modalidades de língua estejam muito próximas.

Oralidade e escrita configuram um continuum tipológico, caracterizado, de um lado, pelas peculiaridades de cada uma dessas modalidades e, de outro, pelas semelhanças percebidas em diversos gêneros – o que faz com que às vezes se torne bastante difícil definir o limite entre elas. Assim, por exemplo, um bilhete, apesar da forma escrita, guarda muitas semelhanças com uma conversa informal, e uma conferência, embora oral, se parece com um texto formal escrito... (SANTOS, 2008, p. 27).

Marcuschi (2010, p. 27) ressalta que oralidade e escrita não são práticas de linguagem opostas entre si, mas são práticas que se mesclam e se complementam nos mais diversos usos continuamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário destacar novamente que as HQs não são a solução para se resolver os problemas da educação, mas sim um recurso que os professores têm a disposição para auxiliar sua prática pedagógica de forma lúdica.

Cabe ao professor, ao definir suas práticas pedagógicas, preocupar-se com metodologias, recursos e estratégias que, articulados com as atividades em sala de aula, tornem possível o crescente processo de aprendizagem dos alunos. (TANINO, 2014, p. 10).

Fazer com que nossos alunos adquiram o hábito de leitura não é fácil, principalmente num País que prioriza outros investimentos, deixando a educação em segundo plano. Mesmo assim, muitos professores procuram meios para enfrentar as dificuldades que assolam o contexto educacional do País, inclusive no que tange à leitura.

Muitos gostam de ler as HQs porque são divertidas, podem auxiliar o leitor a despertar a imaginação e as suas criações artísticas, mas observa-se que elas vão além do que os leitores pensam. Elas podem auxiliar para que o estudo da Língua Portuguesa, História, Arte, ou outras disciplinas, seja mais agradável. “Chatice é pecado e aula aborrecida ofende a Deus” (LAUAND, 2013, p. 2).

Elas possuem características próprias e tentar reduzir as HQs a apenas texto verbal ou manifestações de obra artística é não apreciar suas muitas potencialidades para a educação.

Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há muitos pontos comuns com a literatura, evidentemente. Assim como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens. (RAMOS, 2006a, p. 16)

Dentro da linguagem dos quadrinhos, os sentidos são expressos pelos elementos visuais, em conjunto com os textos, e entende-se aqui como elementos visuais não só os desenhos, mas todos os elementos da HQ, visto que as palavras usadas também são imagens gráficas; capturadas pela visão, permitem que o leitor possa captar odores, sentir brisas, temperaturas, sabores, medo, alívio, tudo isso com a visão, auxiliada pela sua própria imaginação.

Todas essas emoções são exploradas pelos autores de quadrinhos, onde esses artistas esforçam-se em construir esses sentidos para agradar e provocar seus leitores, para que se tenha uma experiência estética mais completa. Isso ocorre quando o artista e autor conseguem instigar a curiosidade para que o

leitor se entregue à imaginação, assim contemplando todos os possíveis sentidos da história.

É demais pedir que um único sentido seja responsável pela transmissão de tantas experiências, mas nós fazemos isso acontecer usando a força de nossas próprias experiências pra absorver o mundo. (MCCLOUD, 1995, p. 136).

Toda essa imaginação fica mais evidente de acordo com o próprio conhecimento de mundo que o leitor traz, ou suas intenções para o futuro, seus desejos e expectativas. Essas características ficam evidentes quando o aluno, ao ser inserido no universo das histórias em quadrinhos, identifica-se com algum personagem ou situação da história, deixando-se levar pela leitura, não somente da história narrada, mas de seu próprio modo de ler a história, contrastando com sua leitura de mundo.

Como foi visto, além de divertir, é um ótimo recurso para a educação e para o estímulo à leitura, e não se pode negligenciar a sua eficácia, quando bem empregada, em atividades pedagógicas. Ao longo da pesquisa, foi visto que as histórias em quadrinhos podem auxiliar os professores no ensino da Língua Portuguesa e incentivam os alunos a procurarem outros tipos de leitura.

Esta pesquisa não se propôs a examinar todas as realidades que cercam a questão do incentivo à leitura; no entanto, é importante considerar estas reflexões como um ponto de partida para novas possibilidades de retorno ao tema.

Aqui vimos, entre outras coisas, que existem verdadeiros interesses em promover a leitura e que muitas autoridades reconhecem o alcance dessa questão. Constata-se que é um tema sobre o qual existe esforço razoável por parte de muitos professores, embora não seja fácil colocar em prática todas as intenções que têm. Saber também que existem várias formas de leitura e que cada pessoa tem uma concepção particular daquilo que lê ajuda a respeitar mais o jeito de ser das pessoas que leem e indica a necessidade de se buscar maiores referências no mundo das ideias, pois se precisa sempre de um rico cabedal de conhecimentos prévios que sejam capazes de favorecer na hora de realizar-se qualquer tipo de leitura.

Vê-se que muito se tem falado nas escolas da necessidade do incentivo à leitura e, ao mesmo tempo, a dificuldade que muitos alunos têm de ser incluídos nesse universo do saber.

A escola precisa de uma reflexão muito mais fundamental, precisa entender o que é a leitura; só então será fácil e frutífero escolher. Acho possível provocar nos professores e nos pais uma tomada de consciência sobre o que é. Aleitara, a partir de sua própria prática, para derrotar as falsas noções que continuam sendo utilizadas como referências para a ação educativa escolar e familiar. (FOUCAMBERT, 1994, p. 25).

Lamenta-se ver a adoção de critérios de leitura baseados apenas em aspectos que consideram que a leitura a ser realizada pelos alunos deve ser apenas dos clássicos. O aluno precisa ser incentivado a ler e para isso a leitura deve ser agradável. Ao se tratar da inserção de quadrinhos para os alunos, Calazans (2005, p. 7) acrescenta que “por ser também uma forma de entretenimento e lazer, não encontra resistências por parte de alunos”.

Existe uma infinidade de bons motivos para ler e cada um descobre a causa suprema que lhe remete às páginas de um livro, revista ou jornal. Tudo pode ser de grande utilidade quando se busca uma informação importante, um lazer diferente ou uma forma sublime de comunicar uma ideia por escrito, mas, para isso, é importante que o jovem desperte esse interesse pela leitura. Sem isso, a capacidade deles para absorver as novidades do presente fica diminuída e desfavorável àqueles que gostariam de interagir com eles. Além do mais, um povo incauto e sem cultura torna-se objeto de exploração para todo tipo de dominador que se vale dessa fraqueza para auferir vantagens pessoais e perpetuar suas políticas de privilégio. Contudo, vê-se o quanto ainda temos dificuldade em criar uma cultura letrada por causa de maus hábitos revelados quando, por exemplo, antepõe-se à leitura uma série de passatempos que, em muitos casos, são até insignificantes e de qualidade duvidosa.

Os quadrinhos podem ser um recurso a ser utilizado para auxiliar o professor e a escola no tocante a inserir o aluno no

universo da leitura. Sendo bem empregado, pode dar um auxílio para o docente, pois além de preencher requisitos básicos pelo seu lado lúdico, algumas histórias trabalham temas passíveis de discussão em sala de aula, independentemente da faixa etária do aluno. O que se precisa é de professores que queiram fazer a diferença e tenham o desejo de trabalhar pelo aluno.

Nossa realidade brasileira está a solicitar professores que, com imaginação e rigor, ajudem a reinventar nosso país e nosso povo. Trabalhar com as histórias em quadrinhos na educação pode ser, entre tantas outras, uma forma das formas para atingir este grande objetivo. (SANTOS NETO; SILVA, 2011, p. 147).

O campo de pesquisa para as histórias em quadrinhos é muito vasto, podendo surgir diversas pesquisas sobre o assunto, tanto na área educacional (resgatando, por exemplo, as experiências de professores usando as HQs) como em outra área de análise, trazendo ao pesquisador a possibilidade de propiciar o crescimento cognitivo dos alunos com divertimento e prazer.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, DF, 1997.
- CABRAL, L. S. Processos psicolinguísticos de leitura e a criança. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 7-20, 1986.
- CALAZANS, F. M. A. **Histórias em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2005.
- CARVALHO, A. C. de; OLIVEIRA, M. P. de. **Os quadrinhos e uma proposta de ensino de leitura**. 2007. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18224/1/R0711-1.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2014.
- CIRNE, M. **A linguagem dos quadrinhos: O universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- EGUTI, C. A. **A representatividade da oralidade nas histórias em quadrinhos**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

- IANNONE, L. R.; IANNONE, R. A. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 2004.
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes/Ed. Unicamp, 1993.
- LAUAND, J. **O professor e a docência em Tomás de Aquino**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand33/05-12Jean.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2013.
- LUYTEN, S. M. B. (Org.). **História em quadrinhos: Leitura crítica**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. **Da fala para a escrita: atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARNY, J. **Sociologia das Histórias em quadrinhos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- MARTINS, M. H. **O que é Leitura**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.
- MCCLLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. Tradução de Hécio de Carvalho, Marisa do Nascimento. São Paulo: Makron Books, 1995.
- RAMOS, P. É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos? **Revista Intercâmbio: LAEL/PUC-SP**, São Paulo, v. 15, 2006a.
- _____. O humor nas tiras de jornal. In: MOSCA, L. S. (Org.). **Discurso, argumentação e produção de sentido**. São Paulo: Humanitas, 2006b. p. 165-180.
- _____. Os quadrinhos em aulas de língua portuguesa. In: VERGUEIRO, W.; RAMA, Â. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006c. p. 65-86.
- SANTOS, L. W. dos. **Oralidade e escrita nos PCN de Língua Portuguesa**. 2008. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiseneofil/08.html>>. Acesso em: 24 jul. 2014.
- SANTOS NETO, E. dos; SILVA, M. R. P. da (Org.). **Histórias em Quadrinhos & Educação: Formação e prática docente**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.
- SILVA, E. T. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- SMOLKA, A. L. B. (Org.). **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução de Claudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- TANINO, S. **História em quadrinhos como recurso metodológico para processos de ensinar**. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SONIA%20TANINO.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2014.
- VARGAS, S. **Leitura: Uma aprendizagem de Prazer**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.
- VERGUEIRO, W.; RAMA, Â. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

YUNES, E. **A leitura e a formação do leitor**: questões culturais e pedagógicas. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

Sobre o autor

Carlos Antonio Carlos da Silva é Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo; Especialista em Língua Portuguesa; Graduado em Pedagogia, Filosofia e Letras; e Professor efetivo da Rede Pública de Ensino. Contato: carloscarlos@professor.educacao.sp.gov.br